

OBJETO-SUPORTE: CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS

Este dossiê reúne artigos que propõem uma reflexão sobre o papel do suporte na produção de sentido, com especial atenção às suas articulações com o texto literário, com as práticas de linguagem contemporâneas e com os desafios impostos à formação docente. Compreendido como elemento material e formal que condiciona a realização e os efeitos do texto, o suporte ganha centralidade em um contexto marcado por práticas discursivas híbridas, múltiplas linguagens e transformações nos modos de circulação e leitura.

De um lado, os textos, em consonância com as inovações tecnológicas e com a pluralização de discursos sociais não hegemônicos, hibridizam-se em uma diversidade material e discursiva, de gêneros e práticas, alargando o seu escopo para além dos suportes tradicionais. Na literatura, por exemplo, a valorização da linguagem oral e musical é repercutida no Prêmio Nobel de Literatura de 2016 dado ao cantor Bob Dylan, na adoção do álbum *Sobrevivendo no Inferno*, dos Racionais MC's, pelo vestibular da Unicamp de 2020 e no fortalecimento do movimento poético do Slam. No caso dos textos digitais, novas relações com o suporte são produzidas ao integrarem, de forma peculiar, as linguagens verbal, visual, musical, cinética, entre outras. Também passa a ser incontornável examinar o papel do suporte na própria experimentação da linguagem verbal inscrita em seu elemento tradicional, como na obra *Inquérito policial. Família Tobias* de Ricardo Lísias (2016), em que o “livro” é concebido em um formato de inquérito. Outro ponto a ser destacado é a abertura do texto literário para o diálogo com práticas de linguagem que possuem o visual como um de seus elementos centrais, como as inscrições urbanas, os livros infantis e a HQ. Conforme Pereira (2020)¹:

A literatura mostrou-se receptiva em relação às inovações tecnológicas desde o momento em que estas últimas adentraram os campos das artes e da cultura. As movimentações entre o livro impresso e as mídias audiovisuais e eletrônicas intensificam-se continuamente, como se observa em formas ficcionais com ampla circulação na web. Essa aproximação deu origem ao que se define genericamente como hibridização, processo que ocorre em diversos níveis (p. 80).

De outro lado, as diretrizes educacionais atuais exigem que os professores e as professoras sejam capazes de trabalhar com a multimodalidade de linguagens, que se “refere à

¹ PEREIRA, Helena Bonito Couto. Historiografia literária brasileira hoje: hibridismo e multiplicidade. *Odisseia*, Natal, RN, v. 5, n. esp., p. 64-84, jul.-dez. 2020.

multiplicidade de linguagens que provocam sentidos múltiplos” (São Paulo, 2019). Essa demanda de qualificação docente, bastante motivada pela recente Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), não encontra apoio nas grades curriculares tradicionais dos cursos de Letras, nem nas formações de professores e professoras já atuantes no ensino, o que gera um descompasso entre as exigências do perfil profissional docente e sua formação.

Uma das dez Competências Gerais da Educação Básica, entendidas como “a mobilização de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (Brasil, 2018, p.8)², mostra exatamente essa necessidade de:

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo (Brasil, 2018, p. 9).

Diante disso, este dossiê apresenta 13 artigos que discutem, de forma teórica ou analítica, os efeitos da materialidade sobre a constituição do texto e seus sentidos, indo da exploração de diferentes linguagens para a manifestação de um discurso até as questões de ordem formal e material do objeto de inscrição do texto produzido. Discute-se, pois, o papel do suporte em práticas artísticas e discursivas; a hibridização de linguagens na literatura e os caminhos pelos quais o ensino pode integrar essas particularidades da significação, promovendo práticas pedagógicas sensíveis à diversidade de linguagens, bem como aos formatos e suportes que compõem os textos na contemporaneidade.

A edição tem início com quatro trabalhos de cunho mais teórico-metodológico. No primeiro – “El soporte, piel del mundo” (“O suporte, pele do mundo”) –, Verónica Estay Stange examina de que modo a integração do suporte material do texto, desde o final do século XIX, revolucionou os critérios de pertinência no âmbito da literatura e das artes em geral. Mostra também o movimento empreendido pela própria teoria semiótica, anos mais tarde, de abertura do campo de análise à substância da expressão e a tudo aquilo que antes era excluído por se considerar que fazia parte do “contexto”.

Em seguida, no artigo “O suporte notado: um ensaio de classificação para os suportes da escrita”, de João Furio Novaes e Waldir Beividas, é apresentada uma nomenclatura para a classificação dos suportes da escrita, com base em aspectos das substâncias da expressão que

² BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

são utilizadas para viabilizar o seu funcionamento. A partir da comparação entre as substâncias que compõem as formas visuais da escrita nos livros e nas telas, são estabelecidas distinções com base em um critério de materialidade.

Juliana Di Fiori Pondian também se volta para a escrita em “Princípios da teoria grafemática para a descrição e análise de textos escritos”. A autora propõe uma sistematização da teoria grafemática, com o objetivo de descrever a escrita como um sistema de significação independente. Ao rever autores como Saussure, Hjelmslev, Nina Catach, Jacques Anis e Jean-Marie Klinkenberg, reflete sobre o estatuto teórico da escrita, mostrando que possui um plano de expressão próprio, com organização interna, orientação espacial e dimensão visual.

Já Antonio Vicente Seraphim Pietroforte desenvolve, em “A semiótica da entonação”, um modelo semiótico para analisar as relações entre a poesia e a canção, identificando a entonação, ou prosódia, como o fundamento comum a ambas. A proposta parte de uma classificação da poesia em quatro regimes de engenharia baseados na oposição entre continuidade (fluxo) e descontinuidade (segmentação) para, em seguida, relacioná-la à semiótica da canção de Luiz Tatit.

Após essa primeira parte, três artigos refletem sobre as práticas literárias, tanto em seu suporte mais habitual, o livro, como quando expandem-se para outras materialidades e organizações formais. O texto “O estilo de Maria Valéria Rezende: a construção do ethos humanizador em práticas de crença e fé”, de Fernando Abrão Sato e Sueli Maria Ramos da Silva, reconstitui o quadro estilístico do enunciador “Maria Valéria Rezende”, depreendendo recorrências discursivas em suas obras com o objetivo de demonstrar como a fé cristã é construída sob diferentes óticas nas narrativas de *Outros cantos* (2016) e *Carta à Rainha Louca* (2019).

Na sequência, Marc Barreto Bogo, em “Arranjos da semiótica espacial no objeto literário *Poemóbiles*”, examina a recente reedição de *Poemóbiles*, de Augusto de Campos e Julio Plaza. Espécie de escultura poética manuseável, o livro reúne uma dúzia de poemas em formato *pop-up* em que elementos gráficos ganham movimento e tridimensionalidade por meio de cortes e dobras. Tal experimentação é terreno fértil para a reflexão sobre o papel da semiótica espacial no objeto literário.

Dando continuidade ao exame do componente visual da poesia, Francis Èdeline, em artigo traduzido do francês por Juliana Di Fiori Pondian – “O letrismo e o espaço” –, reflete sobre o “letrismo”, movimento de vanguarda surgido na França em meados de 1945. Originado

no campo da poesia, o movimento evoluiu para uma forma de arte plástica intersemiótica e logotrópica, fundamentada na ideia da “letra” como partícula visual e sonora. O trabalho analisa as categorias de obras letristas, discutindo seus modos de significação.

Formando o terceiro bloco deste dossier, três trabalhos enfatizam a semiótica visual em suas diferentes manifestações materiais. No primeiro, “A estratégia imersiva da pintura (Claude Monet, Gustav Klimt e Per Kirkeby)”, artigo de Anne Beyaert-Geslin traduzido do francês por Ivã Carlos Lopes, são analisadas pinturas com a finalidade de reconstituir a estratégia que posiciona o observador não mais diante da paisagem, mas em seu interior, a partir da figura da imersão. Com base em noções de formato e escala, o texto mostra como a pintura confere agentividade ao olhar e cria uma nova atitude frente à profundidade.

Já Daniela Nery Bracchi dedica-se a pensar a fotografia em “Materialidade e narrativa visual da série fotográfica Gold, publicada no fotolivro *Trabalhadores*, de Sebastião Salgado”. A autora examina a série Gold, do fotógrafo Sebastião Salgado, tanto no nível textual das imagens quanto no nível material do livro, tomado como objeto-suporte editorial. Mostra como a materialidade do fotolivro participaativamente da produção de sentido da série fotográfica, conferindo-lhe temporalidade, ritmo narrativo e estatuto de prestígio cultural.

Encerrando essa parte, Malik Asbahr Nasser, em “Entre a farsa e a fantasia: o caso de Luigi Mangione sob a luz da semiótica”, analisa cinco textos sincréticos, entendidos como “inscrições urbanas”, que abordam a prisão de Luigi Mangione. Tal estudo tem como foco os elementos visuais e passionais dos textos-enunciados, bem como as relações estabelecidas com seus suportes de inscrição.

Por fim, chegamos ao quarto e último conjunto de artigos, bloco em que o digital ganha centralidade. Regis Thiago da Silva, em trabalho intitulado “Os suportes dos jornais: do papel ao digital”, mostra como a mudança do suporte – no próprio papel e ainda do papel para o digital – modifica a leitura e a interpretação especificamente do texto jornalístico. Para isso, analisa as alterações pelas quais o jornal *O Estado de S. Paulo* vem passando, como, por exemplo, a redução do tamanho de sua edição impressa em 2021 e o consequente abandono do formato tradicional adotado desde 1875.

Seguindo com o estudo do suporte na comunicação digital, as autoras de “Práticas literárias contemporâneas pelo olhar da semiótica: booktubes e clubes do livro” – Silvia Maria Souza, Thaís Borba e Luiza Riveiro Gonçalves – examinam dois fenômenos contemporâneos de leitura literária: os *booktubes*, canais do *Youtube* que produzem conteúdo literário, e os

clubes de assinatura de livros, com foco na *TAG Livros*. Traçam como objetivo compreender de que modo essas práticas se articulam com os novos suportes e estratégias de mediação da leitura no contexto digital. A análise busca, ainda, estabelecer relação com os desafios da prática e da formação docente, abrindo caminho para o artigo que fecha esta edição.

“Entre textos e telas: desafios no ensino das práticas textuais digitais em escolas estaduais de Alagoas”, de Eduardo Costa Cavalcante e Eliane Vitorino de Moura Oliveira, apresenta uma reflexão acerca das dificuldades enfrentadas no ensino das práticas textuais por meio das tecnologias digitais em escolas estaduais de Alagoas. A análise de entrevistas com professores e professoras de Língua Portuguesa revela que as escolas investigadas enfrentam grandes desafios no uso das tecnologias digitais, principalmente devido à escassez de recursos e ao acesso limitado à internet de qualidade. Isso faz com que as aulas sejam, predominantemente, centradas na utilização de textos impressos, reduzindo as possibilidades de estudo das práticas textuais em contexto digital.

Como pode ser observado, os artigos apresentados dão centralidade ao suporte na reflexão acerca das práticas literárias e artísticas, da formação docente e dos desafios trazidos pela comunicação digital. Iluminam, desse modo, um aspecto muitas vezes deixado de lado em pesquisas voltadas a essas temáticas: o impacto da materialidade e da organização formal na produção do sentido. Ao reuni-los nesta edição, espera-se contribuir para o fortalecimento das pesquisas sobre linguagem em suas múltiplas realizações, especialmente em diálogo com os estudos literários, com a proposta teórico-metodológica da semiótica e com a formação docente, afirmando a vitalidade desses encontros a partir da diversidade de pontos de vista sobre o objeto (suporte). Boa leitura!

Mariana Luz Pessoa de Barros

Eliane Soares de Lima

Thiago Moreira Correa

Fernando Martins Fiori